



Aula de Literatura Brasileira VI

Prof. Jaime Ginzburg 22/9/2020



MEMÓRIA

Memória, narrativa e tempo

TEMPO

“Esses intervalos, desde que individualizados, isto é, datados, servem de base à *cronologia*, que é linear. Medida, duração e repetição - tais são os dados preliminares da compreensão comum, social e prática do tempo (...)” (p.17)

A ordem objetiva do tempo se fundamenta no “princípio de causalidade, isto é, na conexão entre causa e efeito, como sucessão regular dos eventos naturais” (p.19)

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

TEMPO

“O tempo na ficção liga entre si momentos que o tempo real separa. Também pode inverter a ordem desses momentos ou perturbar a distinção entre eles (...)”
(p.25)

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

CONTO

“Trata-se de conseguir, com o mínimo de meios, o máximo de efeitos.” (p.35)

“(...) há o problema do tipo de tempo que ele [o conto] representa. Trata-se de acontecimento com simetria e lógica na sua sucessão (...)” ?

GOTLIB, Nádía B. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1985.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1982.

“O fundador da minha família foi um certo Damião Cubas, que floresceu na primeira metade do século XVIII. (...) fez-se lavrador, plantou, colheu, permutou o seu produto por boas e honradas patacas, até que morreu, deixando grosso cabedal a um filho, o licenciado Luís Cubas” (p.15)

“Virgília foi o meu grão-pecado da juventude; não há juventude sem meninice; meninice supõe nascimento; e eis aqui como chegamos nós, sem esforço, ao dia 20 de outubro de 1805, em que nasci. Viram?” (p.24)

POMPÉIA, Raul. O Ateneu. In: ____. *O Ateneu - As Jóias da Coroa*. São Paulo: Scipione, 1995.

“Eu tinha onze anos. (...) Um dia, meu pai tomou-me pela mão, minha mãe beijou-me a testa, molhando-me de lágrimas os cabelos, eu parti. (...)” (p.3-4)

“A primeira vez que vi o estabelecimento, foi por uma festa de encerramento de trabalhos. (...) Momentos depois adiantavam-se por mim os alunos do Ateneu. Cerca de trezentos; produziam-me a impressão do inumerável. Todos de branco, apertados em larga cinta vermelha, com alças de ferro sobre os quadris (...)” (p.5-8)

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. São Paulo: Martins, 1969. v.1.

“(…) com o decorrer do tempo, ia-me parecendo cada vez mais difícil, quase impossível, redigir esta narrativa.” (p.3)

“Na verdade estávamos mortos, vamos ressuscitando” (p.5)

“Não me lembro de ter dito uma palavra ao tenente. Ignorava o destino que me reservavam, mas isto não me despertava nenhuma curiosidade.” (p.19)

LE GOFF, Jacques. *História e memória*.
Campinas: Ed. UNICAMP, 1990. p.933.

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.